

CACHOEIRO

Moda que sai de presídio no Sul

Na Penitenciária Monte Líbano, internas produzem calças e sandálias que são vendidas nas lojas da cidade

Alessandro de Paula
CACHOEIRO

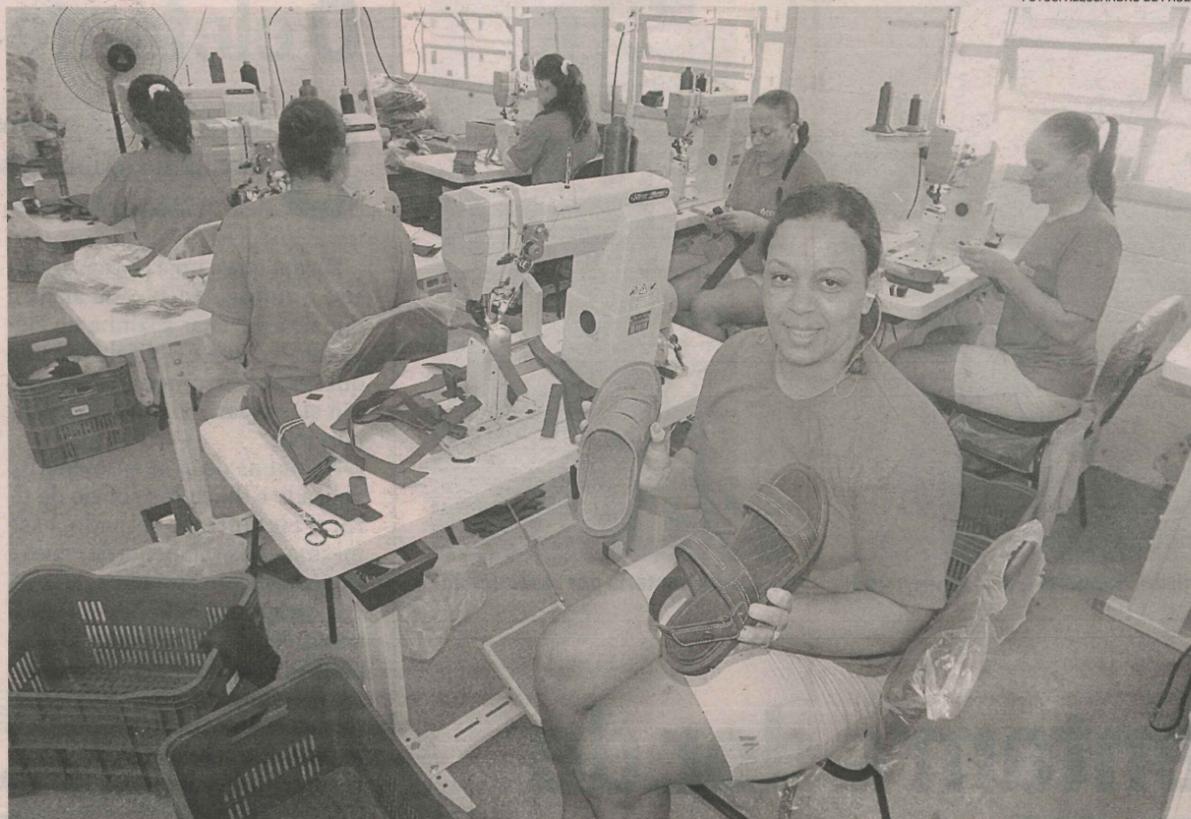
Muita gente não sabe, mas a roupa vendida nas lojas de Cachoeiro, no Sul do Estado, pode ter saído dos presídios. Na Penitenciária Feminina de Monte Líbano, no município, internas utilizam o tempo produzindo calças e sandálias. E ganham pelo serviço, além de ter a pena reduzida.

O projeto é uma parceria da Secretaria de Estado da Justiça (Sejus) com indústrias da região e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e está dando certo. Há duas fábricas de roupa e calçados em pleno funcionamento, além de uma padaria, que empregam 48 das 154 internas.

Elas trabalham oito horas por dia e ganham em média três quartos de um salário mínimo (R\$ 408,00). Se a funcionária bater a meta, a remuneração pode subir. Algumas já ganham mais do que o piso salarial.

Fernanda Souza, que trabalha na fábrica de calçados, está feliz da vida com a oportunidade.

Segundo a diretora do presídio, Leida Maria Ayres, metade do salário fica depositada numa conta da presa, como uma poupança para ela usar quando sair, enquanto a outra parte vai para a família.



A DETENTA Fernanda Souza, que trabalha na fábrica de calçados, mostra produto feito na unidade em Cachoeiro

Além disso, explicou, a cada três dias trabalhados, a interna tem a pena reduzida em um dia e a cada 18 horas de estudo, ela fica presa um dia a menos.

Existem 72 internas estudando em cursos do ensino fundamental ao médio. Boa parte também fez cursos profissionalizantes.

Para o empregador também há vantagens, disse a diretora. Ele não paga aluguel e tem uma funcionária que não falta o serviço. A despesa dele é na montagem da estrutura e treinamento das funcionárias.

Segundo o secretário de Estado

da Justiça, Ângelo Roncalli, de 2004 para cá foram investidos R\$ 458 milhões somente na infraestrutura de presídios, fora os investimentos na contratação de pessoal e outros serviços.

“É uma conta alta, mas necessária. A prisão tem a função punitiva, que é o afastamento do indivíduo, porém precisa preparar o preso para o retorno ao convívio na sociedade. Por isso precisamos criar um ambiente em que desperte nele o interesse em mudar”, destacou.

A penitenciária de Monte Líbano é a primeira das cinco que existem

“A prisão tem a função punitiva, que é o afastamento do indivíduo, porém precisa preparar o preso para o retorno à sociedade”

Ângelo Roncalli, secretário de Justiça

no Estado com uma estrutura para o público feminino e com o novo padrão que prevê inclusive espaço de berçário para mãe e bebê.

Cinco mães dividem hoje o berçário da unidade

Um dos setores onde por alguns momentos as internas até esquecem que estão no presídio é o berçário. O local, em que as mães cuidam de seus filhos até que os bebês estejam em condições de sair, tem um espaço amplo e não há grades nas janelas. Atualmente, cinco mães dividem o espaço.

O parto é feito no hospital e, assim que tem alta, a mãe retorna ao presídio, com o filho. Em média, elas passam seis meses com o bebê. Depois, os bebês ficam com os avós ou outro responsável, que ganha a guarda provisória.

Há casos de uma geração inteira no presídio. Ana Paula Dorigo Martins, 21, presa há nove meses com a mãe Maria Aparecida Dorigo, 42, chegou grávida na prisão de Maria Vitória, hoje com um mês.

Wyhara Aparecida Costa, 21, ao lado da filha Dafine Vitória, de quatro meses, disse que às vezes se esquece que está na prisão: “Lá na cela é tudo na tranca. Aqui temos mais liberdade”.



WYHARA com a filha Dafine

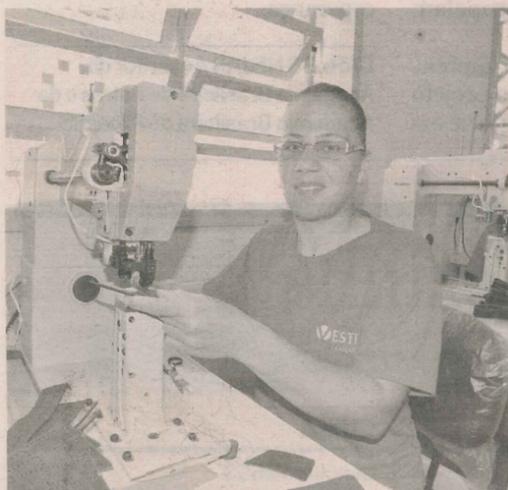
“Queijo suíço” vira unidade modelo em Cachoeiro

Até três anos atrás, o presídio Monte Líbano, em Cachoeiro, era apelidado pela população de queijo suíço, referência aos túneis escavados no subsolo por onde presos com frequência tentavam escapar. Rebeliões e mortes eram rotineiras.

Em 2008, a antiga unidade foi demolida e o novo presídio inaugurado. Agora, o local possui portas automáticas, sistema de monitoramento por câmeras, salas de aula para atividades de reintegração social e ambulatório para atendimento médico.

Há uma estrutura independente para o público feminino, com 154 internas, e outra para o setor masculino, com 460 presos.

HISTÓRIAS DE VIDA



“Nova profissão”

“Minha mãe era costureira e sempre quis que trabalhasse com ela. Só que eu achava que não tinha habilidade. Ela ficou muito feliz em me ver na máquina. Antes, vendia peças íntimas e trabalhava em casa de família. Agora, espero sair com uma nova profissão.”

Poderia estar triste por está presa, mas sei que lá fora minha vida não ia mudar em nada. Aqui fiz cursos e tenho certeza que terei vida nova quando sair”.

Alessandra Gatte Brum, 31.



“Soube da gravidez no presídio”

“Estou aqui há nove meses. Quando fui presa já estava grávida, mas só fiquei sabendo no presídio. No começo, fiquei assustada, mas vi as outras meninas com neném e me acostumei com a ideia.”

Para mim é uma experiência que nunca pensei que passaria na vida. Coloquei o nome em minha filha de Maria Vitória, pois ela é uma vitória em minha vida. É minha terceira filha. Aqui no berçário é bom. Às vezes até esqueço que estou presa”.

Ana Paula Dorigo Martins, 21, mãe de Maria Vitória, de um mês.



“Aprendi a ler na prisão”

“Nunca estudei. Perdi meu pai cedo e fui trabalhar fora para ajudar a cuidar dos meus irmãos. Não sabia ler e nem escrever. Fiquei um ano e dois meses presa em Tucum (Cariacica) e depois vim para cá (Cachoeiro), há dois anos e um mês.”

Fiz vários cursos, de customização, jardinagem, doces e salgados e mulher empreendedora. Mal sabia escrever meu nome e hoje sei ler e escrever”.

Anamary Rocha de Almeida, 51.